

Arqueologia na freguesia de Ervidel

Lídia Baptista

É arqueóloga na empresa Arqueologia e Património Lda., onde desempenha funções de Coordenação de Projetos de Arqueologia de Salvamento; desde 2007 que tem desenvolvido a sua atividade profissional na região do Interior Alentejano. Licenciou-se e tem o grau de Mestre pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto na área da arqueologia e desenvolve, no FLUP/CEAUCP, um projeto de Doutoramento sobre a Pré-história Recente do Sudoeste da Península Ibérica.

Sérgio Gomes

É arqueólogo na empresa Arqueologia e Património Lda., onde desenvolve, desde 2010, uma pesquisa centrada no estudo dos resultados de intervenções arqueológicas do Interior Alentejano realizadas no âmbito de Arqueologia de Salvamento. É investigador do CEAUCP e doutorado em arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo apresentado uma tese sobre as relações entre o conhecimento arqueológico e a construção da Identidade Nacional durante o Estado Novo.



Vista Este a partir da Abelheira (área extremamente plana).

1. Introdução

Este texto é sobre o atual estado do conhecimento do património arqueológico da freguesia de Ervidel. Para tal precisamos de saber, simultaneamente, os elementos que compõem este património (as estações arqueológicas e os artefactos, por exemplo) e o contexto em que tais elementos foram produzidos (se o conhecimento é decorrente de uma escavação arqueológica ou de uma prospeção, por exemplo). Neste sentido, no ponto seguinte iremos apresentar um esboço acerca da história da investigação arqueológica em Ervidel, ou seja, iremos descrever o modo como os arqueólogos trabalharam na região. Esta história da investigação tem como objetivo explicar as razões pelas quais Ervidel se constituiu um local de interesse para a investigação arqueológica. Conhecer esta história é, então, uma forma de compreender a importância do património arqueológico da freguesia e compreender o modo como trabalham os arqueólogos. Posteriormente, o património arqueológico é apresentado na forma de um inventário de áreas onde foram identificados testemunhos remotos da ocupação humana da freguesia. Este inventário, não sendo exaustivo, tem como objetivo dar pistas ao leitor acerca desses testemunhos; são pistas para começar a conhecer o Passado de Ervidel e o seu Património. Conhecer esse Passado e esse Património é uma atividade incessante porque o conhecimento do Passado é o fruto das perguntas que conseguimos fazer no Presente e, assim,

está sempre dependente de uma nova pergunta. Esperemos que este texto seja fonte de novas perguntas; de novos “Passados” a descobrir.



Vista para Sul a partir da Herdade do Pomar para Horta de Baixo (área extremamente plana).

2. História da investigação na região

O conjunto das estações arqueológicas conhecidas em Ervidel sugerem uma ocupação continuada da região desde a Pré-história. Esta imagem do seu passado é o resultado de uma investigação em que participaram, ao longo do século XX, inúmeros arqueólogos com objetivos muito diferentes, mas que, na sua articulação, contribuíram para um mesmo propósito: o conhecimento do Passado de Ervidel, isto é, o conhecimento do modo como viviam as comunidades que habitaram a região ao longo do tempo.

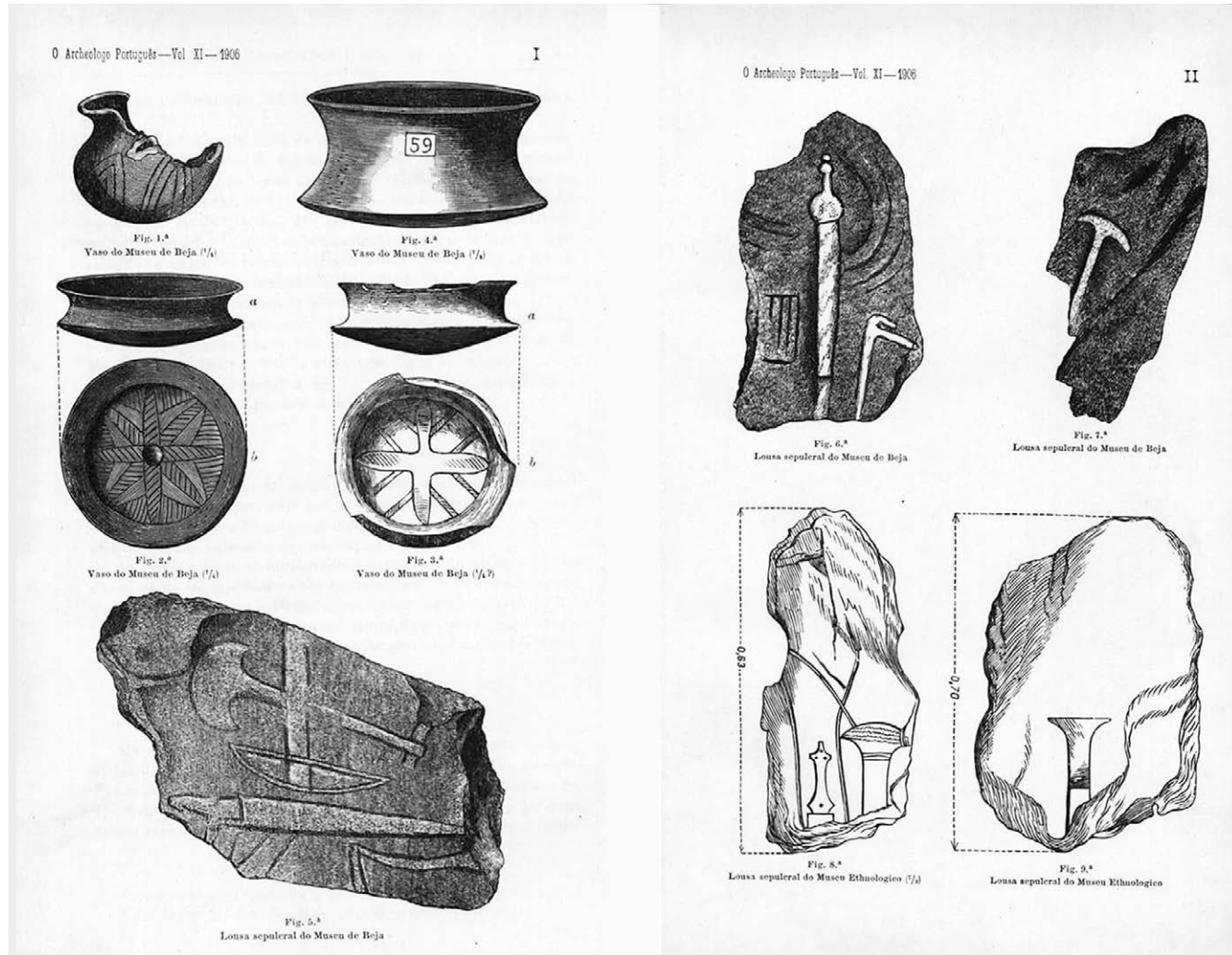
O passado de uma região não é feito apenas pelos investigadores. O passado de uma região é também feito pela memória coletiva da comunidade que habita essa região. Uma memória que une diferentes gerações no conhecimento de um território. A prática arqueológica está em associação com essa memória. Com efeito, muitas das vezes, é através dos relatos desta memória coletiva que os arqueólogos podem chegar ao objeto do seu estudo: os vestígios materiais do passado.

Uma vez perante vestígios materiais do passado, os arqueólogos recorrem a técnicas científicas de prospeção, escavação e estudos laboratoriais para estudar as histórias desses vestígios; para conhecer o Passado. Com esta prática de investigação garante-se o acesso a mais elementos para a memória coletiva. Os arqueólogos resgatam elementos sobre os quais não havia conhecimento; são elementos que estavam “esquecidos” e que

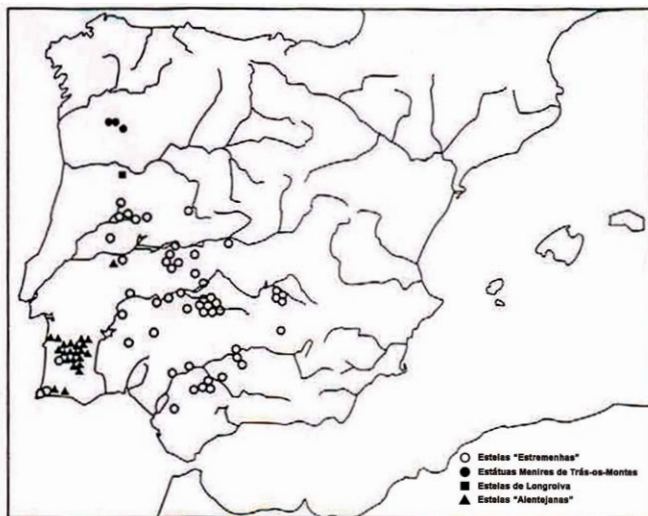
podem reavivar a memória da comunidade. Reavivar a memória que uma comunidade tem da sua região é um dos principais objetivos dos arqueólogos porque, com este propósito, é construído um património cultural que pode ser um fator de desenvolvimento da região. Neste sentido, podemos dizer que os arqueólogos trabalham com a comunidade para conhecer o passado e, a partir do património arqueológico, multiplicar as possibilidades de criar um projeto de futuro.

Como referimos no início deste texto, foram vários os arqueólogos que, ao longo do século XX, trabalharam em Ervidel. As razões pelas quais estes investigadores vieram a interessar-se pelo conhecimento do passado da região são muito diferentes e, quase sempre, decorrem de uma agenda científica que tem como objetivo o estudo de um determinado período cronológico.

A Idade do Bronze é um desses períodos cronológicos que levaram os arqueólogos a interessar-se por Ervidel. Com efeito, na segunda metade do século XX, foram identificados importantes elementos que contribuem para o conhecimento deste período, nomeadamente, as “estelas decoradas” e “as necrópoles de cistas”. As estelas correspondem a lajes de xisto de forma sub-retangular que apresentam uma superfície decorada. As “necrópoles de cistas” correspondem a áreas que apresentam estruturas escavadas no subsolo, de paredes revestidas com elementos pétreos e uma tampa também



Materiais provenientes de uma necrópole entre Santa Vitória e Ervidel e Estelas decoradas de Mombeja
(In Vasconcelos 1906: Estampa I e II)



Mapa da Península Ibérica com a distribuição dos diferentes tipos de Estelas (adaptado de Jorge 1999:114)

pétreas, que foram usadas como locais de enterramento.

As primeiras notícias das estelas estão associadas aos trabalhos de um dos pioneiros da arqueologia portuguesa: Leite de Vasconcelos. Este investigador publicou, em 1906, uma notícia acerca da ocorrência destes elementos a Oeste/sudoeste de Beja. Perante este achado, Leite de Vasconcelos (1906) escreveria o seguinte:

“As lousas cobriam evidentemente campos de guerreiros; e, se nos dão conta ele um interessante uso funerário, mostram ao mesmo tempo que também chegaram a Portugal, vindos do Centro e Norte da Europa, alguns dos bons productos da civilização d’aquella epoca [do Bronze]”. (Idem: 188)

Estes exemplares seriam os primeiros de um conjunto de estelas localizadas no interior alentejano. A sua ocorrência, nesta região, batizaria o conjunto com o nome de “Estelas Alentejanas” por oposição a um outro conjunto de estelas concentradas na Estremadura espanhola, ao qual se daria o nome de “Estelas Estremenhas”.

Curiosamente, em Ervidel, na Herdade do Pomar surgem duas estelas, uma de cada tipo. A primeira estela a ser conhecida, designada como Ervidel I, foi encontrada em 1973 e publicada em 1975 (Coelho 1975). O seu contexto de origem nunca foi possível estabelecer, apenas se sabe que terá sido encontrada nesta propriedade. Este exemplar do tipo “alentejano” corresponde ao tipo mais comum nesta área geográfica. Usa a técnica de relevo para inscrever uma composição de armas em que o motivo ancoriforme é dominante. Poucos anos depois surge a segunda estela, de tipo “estremenho” - Ervidel II, que surge junto a duas cistas da Idade do Bronze (Gomes e Monteiro 1976-77, 1977). Esta estela é gravada e o motivo dominante é o escudo com chanfradura em V. A descrição destas estelas será feita no ponto seguinte.

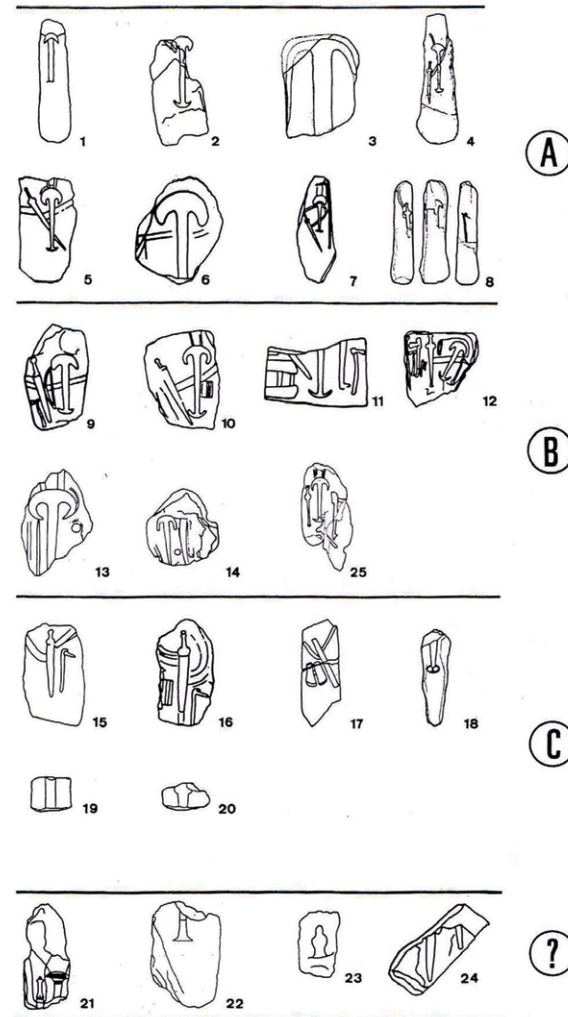


Tabela tipológica das Estelas Alentejanas (in Gomes 2006:60)

Importa referir que a discussão quanto à função, cronologia e iconografia destes elementos foi muito debatida pela comunidade científica, surgindo diversas interpretações. Recentemente, num trabalho de Doutoramento, Marta Díaz-Guardamino (2010) dedica um dos seus capítulos a uma revisão e sistematização do conhecimento atual das estelas decoradas da Península Ibérica. Mário Varela Gomes, um dos autores portugueses que mais se debruçou sobre o assunto, e que participou no estudo das estelas da Herdade do Pomar, sublinha que

“o aspecto lajiforme de muitos daqueles monumentos e a reutilização de alguns em câmaras funerárias, da Idade do Bronze ou ulteriores, conduziu, até há bem pouco, a que se pensasse tratar de tampas de sepulturas. Todavia, investigações recentes demonstraram, de modo claro, que tais monólitos, onde existem exemplares de forma vagamente antropomórfica, com a extremidade proximal destacada e rudemente afeiçãoada (de modo a ser soterrada),(...), estariam erguidos junto a sepulturas, do tipo cista, conforme foi possível detectar na necrópole de Alfarrobeira (Silves), sendo, portanto, verdadeiras estelas”. (Gomes 1995: 135).

Este investigador entende estes elementos como veículos de representação, sendo erguidas junto a enteramentos para reafirmar o estatuto social do defunto.

A este propósito, salienta que os motivos gravados tratar-se-iam de elementos ideotécnicos que diferenciariam socialmente os seus detentores (Ibidem).

No que diz respeito às “necrópoles de cistas”, a sua descoberta remonta também a meados século XX. Desde então, foi identificado um conjunto de ocorrências localizadas, grosso modo, entre as ribeiras do Roxo e Chaminé. Grande parte destas estações foram identificadas por agricultores. O modo como foram encontradas condicionou, em grande medida, o seu registo, tendo algumas sido saqueadas. Além disso, as intervenções arqueológicas de emergência incidiram exclusivamente sobre a caixa tumular, por vezes, espoliadas pelos seus achadores, o que não permitiu aferir se estas apresentavam ou não vestígios de estruturas anexas. A este propósito vejamos o relato do arqueólogo Fernando Nunes Ribeiro acercado modo como identificou e entrevistou na necrópole de Medarra:

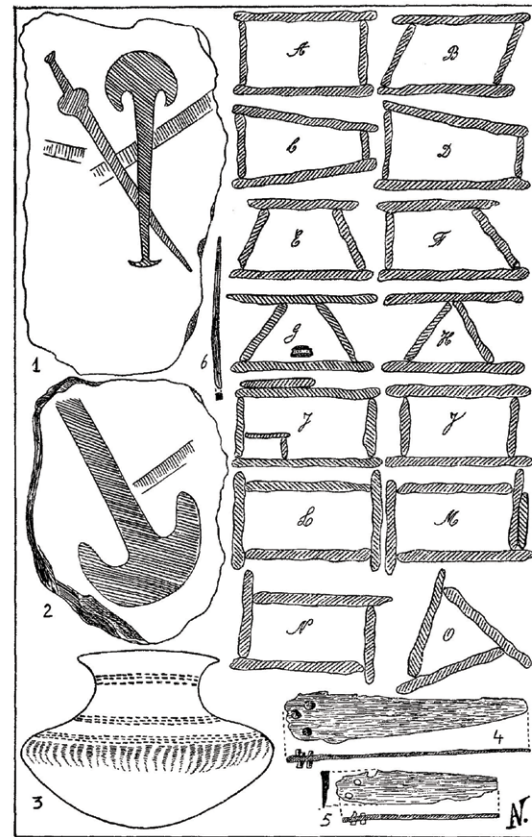
“No dia 2 de Janeiro de 1967 falei com o Sr. José Matos Lampreia que se prontificou a ir comigo ao local para mostrar o que se encontrara. No dia 4 de Janeiro fomos ambos lá e, no local, foram-me dados mais esclarecimentos. A courela fica muito próxima da aldeia de Ervidel, tem um antigo moinho, que já não trabalha, ao qual há muito caiu o reboco exterior e, por isso, de longe, se apresenta

com uma cor escura. Esta courela denominada da «Medarra», fica, como se depreende, na freguesia de Ervidel, concelho de Aljustrel. Junto do moinho, a cerca de 8 m. para poente, estava uma grande laje a descoberto. Da sepultura nada se avistava mas, com uma escavação breve, depressa se encontrou. Junto do moinho vimos uma grande laje e fragmentos de outra. Isso nos indicava que já anteriormente teriam aparecido outras sepulturas e estaríamos em presença de uma necrópole e não de uma sepultura isolada. Mais tarde teríamos a confirmação disso.” (1967: 385-386)

Foi neste contexto, ou seja, na sequência de uma ocorrência ocasional que, durante muito tempo, se foi construindo o conhecimento de um conjunto de “necrópoles de cistas” do qual fazem parte:

Corte Azinha (Viana 1954: 19; Viana e Ribeiro, 1956: 155), Mós (Viana e Ribeiro 1956: 157; Ribeiro 1965: Estampa XIV-5 e 6, Estampa XV-2), Ulmo (Viana 1947: 10; Viana e Ribeiro 1956: 158-161; Ribeiro 1965: Estampa XIII-3), Monte do Outeiro (Ribeiro 1965: Estampa XIII-1, 4 e 6; Paço et al. 1965: 150) Santa Vitória (Ribeiro 1965, Estampa XV-4 e 6, Estampa XVI) e Monte dos Carriços (Parreira e Soares 1980:111) da freguesia de Santa Vitória (Beja); Cata (Paço et al. 1965: 149-150; Ribeiro 1965: Estampa XIII-5, Estampa XIV-1 e 2, Estampa XV-1 e 2) e Lobeira de Baixo (Paço et al. 1965: 150;

Ribeiro 1965: Estampa XIV-3) da freguesia de Santiago Maior (Beja); e Medarra (Ribeiro 1966/67), Herdade do Pomar (Gomes e Monteiro 1976/77, 1977) e Ervidel 3 (Arnaud 1992) da freguesia de Ervidel (Aljustrel).



Plantas das caixas tumulares de cistas e outros elementos da Idade do Bronze do Baixo Alentejo (in Viana e Ribeiro 1956:164)

O número cada vez maior de “necrópoles de cistas” levaria os arqueólogos que trabalhavam na região a questionarem-se acerca dos sítios onde habitariam as comunidades. Com efeito, esta constante ocorrência de contextos que, aparentemente, especificam o espaço em práticas funerárias, levaria a tentar justificar a ausência de contextos arqueológicos que remetam para outro tipo de atividades. Sobre esta questão, Fernando Nunes Ribeiro (1965) dissertaria do seguinte modo:

“Não temos conhecimento de quaisquer restos de habitações, perto ou longe das necrópoles encontradas, que, sem sombra de dúvida se possam considerar deste período. Algumas vezes aparecem restos de casas que, num exame atento, são facilmente enquadrados numa época posterior. O facto da ausência de vestígios de habitações da Idade do Bronze, embora negativo, é importante e necessita de uma explicação. A explicação mais simples é de que ainda se não encontraram os restos de povoados, embora logicamente existam. A destruição absoluta e total desses elementos de estudo, mesmo nos locais de mais árduo acesso e onde ainda se não fazem lavouras profundas, é mais difícil de aceitar. Uma outra razão que pode justificar o completo desaparecimento dos povoados é a de as casas não terem sido de pedra e, portanto, não haver

restos delas. Neste caso as habitações poderiam ser feitas de troncos e ramagens, constituindo verdadeiras cabanas sobre cuja forma e dimensões não temos a mais pequena indicação. Se as paredes fossem de terra batida também não haveria já restos delas. O que sabemos é que as necrópoles encontradas se apresentam isoladas e que, qualquer que seja a razão para isso, se afastam de El Argar [uma importante estação da Idade do Bronze localizada na zona de Almeria, no sudeste Espanhol] onde povoado e necrópole coincidem.” (Idem: 16).

Para o autor, a identificação de necrópoles antevia logicamente a existência de povoados. Perante a ausência de dados relativos a tais povoados, tenta explicar a situação considerando a possibilidade de ainda não terem sido identificados, a eventualidade de terem sido destruídos e, por último, de corresponderem a estruturas em materiais perecíveis que não deixaram testemunhos materiais da sua existência. A preocupação de Fernando Nunes Ribeiro em conhecer os modelos de organização do território durante a Idade do Bronze foi partilhada por outros investigadores nas décadas seguintes.

A partir da década de 70, começamos a assistir a um incremento da investigação no interior alentejano do qual resultariam importantes estudos que sistematizam os dados disponíveis, como é caso do trabalho

do arqueólogo alemão Hermanfrid Schubart (1975) sobre a Idade do Bronze do Sudoeste da Península Ibérica e o trabalho de Varela Gomes e Pinto Monteiro (1976/77, 1977) sobre as “estelas decoradas”, que vimos anteriormente. A par destes trabalhos de síntese, foi também iniciado o estudo de alguns dos “povoados” da Idade do Bronze localizados noutros concelhos do interior alentejano, que viriam a contribuir, de modo indireto, para uma melhor contextualização das necrópoles de Ervidel. Refira-se, por exemplo, os trabalhos no Outeiro do Circo (Beja) (Parreira 1977) e Cerro do Castelo de São Brás (Serpa) (Parreira 1983), que permitiram tecer considerações sobre o modelo de povoamento do Bronze Final. Desde os anos 70, estes trabalhos avançaram muito no conhecimento da Idade do Bronze regional, porém, como referem os autores desses mesmos trabalhos, ainda existe um longo caminho a percorrer até compreender a singularidade das comunidades que habitaram esta região durante este período.

Como vimos, o estudo da Idade do Bronze fez desta região um local de interesse para vários arqueólogos, porém não foi o único período cronológico a suscitar a atenção destes investigadores. No âmbito do estudo da Idade do Ferro, o Baixo Alentejo é novamente considerado uma área de grande concentração de vestígios arqueológicos de reconhecida importância para

o conhecimento das populações que aqui viveram. A área com mais dados arqueológicos corresponde ao concelho de Ourique, seguindo-se o Couto Mineiro de Neves-Corvo (Arruda 2001), mas recentemente têm sido desenvolvidos trabalhos de prospeção e escavação arqueológicas nos concelhos de Almodôvar e Castro Verde, enquadrados num projeto em que a Escrita do Sudoeste é o motor da investigação. Neste estudo, não são apenas as questões epigráficas que interessam aos investigadores, mas também o conhecimento do contexto crono-cultural em que esta escrita se desenvolveu (Melro e Barros 2009). Em Ervidel, para a Idade do Ferro, apenas conhecemos o habitat da Herdade do Pomar e o Castelo Velho do Roxo (Parreira e Berrocal 1990). A Herdade do Pomar, que foi alvo de escavação, é considerado um habitat com uma grande pobreza construtiva, sem preocupações de defesa e implantado a cotas baixas. Castelo Velho do Roxo, onde apenas se procedeu a prospeção, é entendido como um habitat fortificado, com ocupação mais duradoura e de acesso condicionado. Na discussão sobre o povoamento, e pela escassez de dados, R. Parreira e L. Berrocal tentam traçar uma linha de comunicação entre os povoados conhecidos nas proximidades de Ervidel, realçando a importância que as jazidas minerais terão tido na sua localização (*Idem*: 52). Estas estações da Idade do Ferro de Ervidel também são importantes no âmbito do estudo do período romano, porque o

seu conhecimento permite compreender as dinâmicas de re-organização postas em prática na construção do território de Pax Iulia. (Lopes 2003).

Mais recentemente, a investigação arqueológica em Ervidel começou a contar com os contributos de trabalhos efetuados num âmbito diferente; trata-se de trabalhos realizados no âmbito de obras públicas que, mais do que o estudo de um período específico, apresentam como objetivo garantir que tais obras não destroem o património arqueológico. Com efeito, nos últimos anos foram realizados trabalhos arqueológicos um pouco por todo o Baixo Alentejo, a propósito da minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução de projetos da EDIA, S.A.. Estes trabalhos têm como objetivo principal garantir a identificação, o registo e a salvaguarda de bens patrimoniais nas áreas a serem afetadas pelos projetos. Assim, procede-se a uma análise exaustiva dessas áreas através de trabalhos de prospeção, de acompanhamento arqueológico e escavação que, no seu conjunto, contribuem para alargar o conhecimento do património arqueológico.

O Bloco de Rega de Ervidel corresponde a um dos projetos referidos no parágrafo anterior. Trata-se de uma infra-estrutura que se desenvolve em parte das freguesias de Ervidel, São João de Negrilhos e Aljustrel (concelho de Aljustrel), Ferreira do Alentejo (concelho

de Ferreira do Alentejo) e Santa Vitória (concelho de Beja). Os trabalhos arqueológicos que foram realizados a propósito da sua execução contribuíram decisivamente para o conhecimento das sociedades que habitaram no passado a freguesia de Ervidel. Com efeito, estes trabalhos, ao permitirem uma análise exaustiva das áreas afetadas pelo projeto, contribuíram para refazer a cartografia da ocupação humana ao longo do tempo em Ervidel, que conta agora com inúmeras estações de diferentes períodos cronológicos, desde a Pré-história até à Época Contemporânea.

Para terminar este texto, voltemos ao início; voltemos aos propósitos da prática arqueológica: “conhecer o passado e devolver à memória os elementos que estavam esquecidos”. Gostaríamos que o inventário, que vamos apresentar no próximo ponto, fosse entendido enquanto um registo desses elementos que podem ser devolvidos à memória do território e da comunidade de Ervidel. Um inventário que é um manancial de elementos de memória que podem ser utilizados no futuro da freguesia. Sendo um registo de estações arqueológicas, é também o registo do esforço daqueles que participaram na produção deste conhecimento. Conhecer, preservar e divulgar estas estações arqueológicas é uma forma de agradecer este esforço coletivo. Conhecer, preservar e divulgar o património arqueológico é, afinal, um exercício de cidadania. Um

exercício com o qual tecemos a ligação entre as comunidades que habitaram Ervidel ao longo do tempo. Uma ligação feita entre comunidades do Passado e do Presente que, neste diálogo, criam um património que pode ser usado pelas comunidades do Futuro.

4. Os sítios arqueológicos de Ervidel

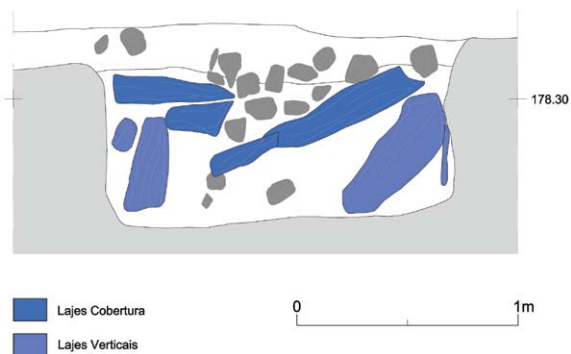
Abelheira

O sítio da Abelheira está implantado numa área bastante aplanada, localizada a cerca de 3 km a Noroeste de Ervidel. A estação parece desenvolver-se numa área muito extensa, tendo-se escavado em duas zonas, designadas como Abelheira e Abelheira 1.

A intervenção arqueológica realizada em Abelheira (Baptista *et al.* no prelo) contemplou a realização de 5 sondagens. Tais trabalhos permitiram identificar: duas estruturas de planta sub-circular de tipo “fossa”, com paredes tendencialmente retas e base plana (sondagem n.º1 e n.º5); uma estrutura de contornos irregulares pouco profunda que forneceu elementos artefactuais enquadráveis na Pré-história Recente (sondagem n.º3); uma estrutura de planta oval, com materiais cerâmicos de cronologia histórica (sondagem n.º4); e uma interface vertical de planta irregular, possivelmente resultante de processos de bioturbação (sondagem n.º2).

Na intervenção realizada em Abelheira 1 (*Idem*) foi identificado um conjunto de estruturas em negativo que apresenta contextos articuláveis com o Calcolítico e a Idade do Bronze. Tendo em conta a distribuição espacial das estruturas, podemos estar perante dois núcleos. O Núcleo I, localizado na área SO, comporta uma concentração de estruturas de planta sub-circular e ovaladas (sondagens n.º1 a n.º11) onde se exumaram fragmen-

tos cerâmicos de fabrico manual, alguns elementos líticos, crescentes e restos faunísticos, que poderão ser enquadrados no Calcolítico regional. É de salientar que na Sondagem n.º1, a meio do enchimento de uma estrutura em negativo de planta sub-circular e perfil em “saco”, foi identificada uma inumação primária sem qualquer tipo de “oferenda”. O Núcleo 2, localizado na área NE, apresentava uma concentração de três cistas (sondagens n.º12, n.º13 e n.º14) enquadráveis na Idade do Bronze. Nas sondagens n.º12 e n.º14 não foram reconhecidos vestígios osteológicos. Quanto às oferendas, na cista da Sondagem n.º12 foi identificado um punhal em liga de cobre e uma taça carenada com asa; na cista da Sondagem n.º13, encontrava-se uma taça carenada e um punção em liga de cobre; e a cista da Sondagem n.º14 forneceu apenas uma taça carenada com asa.



Abelheira 1 - Perfil da cista da sondagem N.º 12.



Abelheira 1 – Enterramento humano em “fossa”.



Abelheira 1 - *Tumulus* (pequenas pedras de quartzo) que cobria a cista da sondagem N.º 12.



Abelheira 1 - Oferendas provenientes das cistas das sondagens N.º12, N.º13 e N.º14.



Abelheira 1 - Lajes laterais, com o espólio *in situ*, da cista da sondagem N.º 14.

Bailique

O sítio do Bailique está implantado numa área pontuada por pequenas colinas que se situam a oeste de Ervidel. Nesta estação foram realizados trabalhos de escavação arqueológica em duas áreas, designadas por Bailique 2 e Bailique 3.

Os trabalhos realizados em Bailique 2 permitiram constatar a existência de um conjunto de cinco estruturas em negativo (*Baptista et al.*, no prelo). Tais estruturas apresentam morfologias distintas: nas Sondagens n.º1 e n.º6, as estruturas apresentam formas tendencialmente fechadas; nas Sondagens n.º3 e n.º5, as estruturas apresentam pouca profundidade e paredes retas; na Sondagem n.º4, a estrutura apresenta um perfil em escada. No que diz respeito à cronologia das estruturas, nas Sondagens n.º1, n.º3 e n.º6, os conjuntos artefactuais apresentam características que permitem a sua associação à Pré-história Recente (na estrutura da Sondagem n.º1, foram identificados fragmentos de taças de carena alta e média que permitem a articulação do contexto à Idade do Bronze); na Sondagem n.º5, a componente cerâmica remete para uma cronologia histórica; e, na Sondagem n.º4, não foi identificado qualquer elemento de natureza artefactual, não sendo possível a associação do contexto a um intervalo cronológico.

Na intervenção realizada em Bailique 3 (*Idem*) foi identificado um recinto delimitado por um fosso. A área intervencionada, que foi definida pela zona de afetação da abertura da vala para a implantação de uma conduta, não permitiu averiguar a planta deste dispositivo arquitetónico, permitindo apenas constatar que parece delimitar uma área sub-circular, no interior da qual foram identificadas estruturas em negativo (de planta sub-circular e de planta em 8). A componente artefactual associada a estes contextos remete para o Neolítico Final/Calcolítico.



Bailique 3 – Fragmento de haste de veado *in situ* no interior da estrutura N.º2.



Bailique 3 – Alguns objetos em osso recuperados no interior das estruturas.



Bailique 3 – Vista geral da área intervencionada.



Bailique 2 – Dois fragmentos de taças com carena da Idade do Bronze.



Baique 3 – Pequenos vasos recuperados no interior das estruturas em negativo.



Bailique 3 – Vista geral da área intervencionada.

Cariola

Este sítio fora já referido nos finais dos anos cinquenta por Abel Viana, quando estudava os estabelecimentos romanos nos arredores de Beja:

“Aqui nos arredores de Beja ainda se notam, ou ainda se notavam há poucos anos, mesmo em volta da cidade e a curta distância, alguns traços mais ou menos apagados, de idênticos estabelecimentos agrícolas, que algumas vezes constituiriam núcleos de população relativamente consideráveis. Acham-se tais vestígios nos sítios de Fontainhas, Fonte das Figueiras, Quinta da Abóbada, Vai de Aguilhão, Amendoeira, Calçada (à margem da antiga estrada romana para o Algarve, por Vipasca, Arani, Ossonoba), Fonte dos Cântaros e, mais por largo, Represas, Montinho, Torre de Cardeira, Gravia, Torre de São Brissos, Azinheira, Cotovia, Morgada, Tagarria, Santa Vitória (Igreja e Cemitério), Torre do Pinto, Cariola tudo no concelho.” (Idem 1959:38)

Em trabalhos recentes de prospeção foi possível estabelecer limites às manchas de dispersão de materiais enquadráveis na época romana e medieval, definindo-se duas áreas de maior concentração designadas como Cariola e Cariola 1. A primeira área corresponde uma mancha de dispersão de material



Cariola – Vista para o sítio a partir de Noroeste.

com cerca de 3ha, onde se regista uma grande concentração de cerâmica de construção e cerâmica de armazenamento de provável cronologia romana, tendo sido identificado um alinhamento em alvenaria de xisto, ligado com argamassa, junto ao limite atual da albufeira do Roxo. Foi também identificada uma estrutura em negativo tipo silo, sem qualquer conteúdo, de paredes bojudas e boca fechada com cerca de 3m de profundidade e 2m de largura.

A segunda área corresponde essencialmente a materiais de cronologia romana e medieval, mas também integra elementos de cronologia pré-histórica. O sítio terá tido grande importância não só no período romano, como também no período medieval, uma vez que se encontra referido em documento de D. Dinis¹.

1. <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2627233>

Cariolinha

Deste sítio apenas temos a informação disponibilizada na Ficha de Sítio da base de dados Endovelicus, cuja descrição aponta para uma possível necrópole da Idade do Bronze: “De acordo com informação verbal do Dr. Artur Martins apareceram, há poucos anos, aquando da abertura de uma vala, dois recipientes cerâmicos provenientes, muito provavelmente, de um contexto funerário².” Encontra-se implantada numa área aplanada a cerca de 1 km a oeste de Ervidel.

Castelo Velho do Roxo

O Castelo Velho do Roxo está implantado num esporão ladeado pela Ribeira do Roxo e outra linha de água. Neste esporão é possível observar uma linha de “muralla”, com cerca de um metro de altura, construída em xisto (Schubart 1975; Parreira e Berrocal 1990; Berrocal-Rangel 1992). No extremo noroeste da construção “localizam-se montículos que poderão corresponder a bastiões ou outras construções defensivas ali concentradas.” (Parreira e Berrocal 1990: 50)

Corte Margaridinha

Poderá corresponder a uma necrópole da Idade do Ferro, que terá sido parcialmente destruída durante trabalhos agrícolas. Atente-se à descrição constante na Ficha de Sítio: “Necrópole que poderá ter sido parcialmente destruída por trabalhos agrícolas por volta de 1970. Os trabalhadores tinham memória de urnas de barro, pequenas tigelas e “copos”, terem aparecido no local. Foram ainda recolhidos um par de brincos, um anel e um alfinete em bronze. Na prospeção efetuada em Setembro de 1990 foram recolhidos alguns fundos e bordos cerâmicos³.”

Ervidel (necrópole de)

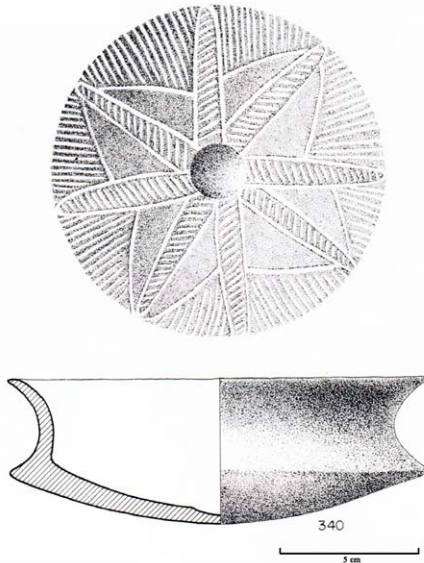
Os primeiros relatos destes achados são muito imprecisos, nomeadamente quanto à sua localização. Com efeito, J. Leite de Vasconcelos publica em 1906, através de relatos de outrem, a localização, a descrição das estruturas de tipo cista e o espólio (*Idem*:180-184). Já na década de 70, H. Schubart (1975) estuda e publica este espólio, apresentando algumas discrepâncias quanto a proveniência dos materiais. Na Tabela 1 tentamos sistematizar a informação fornecida pelos dois investigadores.

2. <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2675788>

3. <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=53736>

Tabela 1

Vasconcelos (1906)		Schubart (1975)	
Localização	Cistas	Proveniência	Ilustração
Estrada entre Santa Vitória e Ervidel	A	Vaso 1	Tafel 35 - 338
		Vaso 2	Tafel 34 - 340
	B	Vaso 3	Tafel 34 - 394
Courela em Santa Vitória	C	Vaso 4	Tafel 35 - 395



Ervidel 1 – Taça com carena com decoração no interior (adaptado Schubart 1975, Tafel 34: 340)

Ervidel 3⁴

Este sítio encontra-se implantado numa pequena colina a oeste de Ervidel. Corresponde a uma necrópole da Idade do Bronze, da qual apenas conhecemos alguns vasos que foram estudados e publicados por J. Arnaud (1992). O aparecimento destes elementos decorreu de trabalhos de plantação de uma vinha, nas proximidades de Ervidel, onde eram visíveis também lajes e fragmentos de lajes de possíveis sepulturas destruídas pela maquinaria. Foram recuperados 4 vasos, que passamos a descrever (*Idem*:9-10):

4. Esta ocorrência designada como Ervidel 3 fica na área do topónimo Bailique.

- Vaso n.º1: Taça carenada com as superfícies interna e externa cinzenta muito escura. No exterior, a parte côncava, acima da linha de carena, apresenta-se brunida, com vestígios de espatulado horizontal; a parte convexa, abaixo da linha de carena, apresenta-se também brunida, mas com vestígios de fino espatulado radial, convergindo para o centro do vaso. No interior da taça, igualmente polido, além do omphalos, encontra-se um padrão decorativo brunido, cujo motivo central se assemelha a uma estrela do mar, com sete braços, sendo as zonas circundantes preenchidas por feixes de linhas paralelas envolvendo superfícies triangulares. Dimensões: diâmetro exterior 16,8cm; diâmetro do omphalos 4cm; altura máxima 6,2cm; altura da carena 3,2cm.

- Vaso n.º2: Pequeno vaso de bojo esferoidal, colo pouco acentuado e bordo saliente. Encontra-se praticamente inteiro. A sua pasta tem o núcleo castanho. A superfície é polida, de cor cinzenta escura, apresentando um orlamento de caneluras estreitas e pouco profundas. Dimensões: diâmetro 11,3cm; altura 10,2cm.

- Vaso n.º3: Vaso de corpo esferoidal achatado, colo pouco acentuado e bordo saliente. Apresenta uma decoração constituída originalmente por oito nervuras em relevo, moldadas por pressão da pasta ainda mole a partir do interior, delimitadas por caneluras, que convergem no fundo do vaso. A sua pasta tem o



Ervidel 3 – Vaso bojudo sem decoração (adaptado Jorge 1995, 86)



Ervidel 3 – Vaso bojudo decorado com nervuras verticais (adaptado Jorge 1995, 86)

núcleo castanho e a superfície polida, cinzenta escura, com manchas acastanhadas. Encontra-se fraturado, faltando-lhe uma parte do bordo e do bojo. A parte conservada do bordo apresenta-se ligeiramente lascada. Dimensões: diâmetro 14.3cm; altura 10.cm.

- Vaso n.º4: Vaso de corpo esferoidal achatado, colo pouco acentuado e bordo saliente. Apresenta uma decoração constituída por numerosas nervuras verticais em relevo, moldadas por pressão da pasta ainda mole a partir do interior, delimitadas por caneluras, as quais não chegam a atingir o fundo do vaso. As nervuras verticais estavam agrupadas em quatro conjuntos, separados por nervuras mais alongados, em forma de arco de círculo. A sua pasta tem o núcleo cinzento acastanhado e a superfície negra, bem polida. Encontra-se fraturado, faltando-lhe a maior parte do bordo e cerca de 1/3 do bojo. Dimensões: diâmetro 16, 7cm; altura 11,4cm.

Herdade do Pomar

A Herdade do Pomar localiza-se a poucos quilómetros a nordeste de Ervidel, sendo atravessada pela antiga estrada que ligava Ervidel a Mombeja. Como veremos, trata-se de uma estação arqueológica que apresenta uma longa diacronia de ocupação, apresentando contextos da Pré-história, da Idade do Ferro e da Época Romana.

O primeiro vestígio atribuído a esta estação trata-se da Estela *Ervidel I*, achada em 1973 e publicada por L. Coelho em 1975. Dois anos mais tarde, eram identificadas duas cistas e a estela *Ervidel II*. Quanto às estelas, como já referimos no ponto anterior, correspondem a dois tipos diferentes:

- **Estela *Ervidel I*** – Tipo “Alentejano - Laje de xisto de cor cinzento-esverdeado, trabalhada apenas em uma das faces, sendo os motivos esculpidos em relevo; encontram-se representados, da esquerda para a direita, os seguintes elementos: um par de pegadas humanas, uma espada, um ancoriforme e dois machados. Apresenta as seguintes dimensões – 0,78x0,55x0,08m. A sua cronologia rondará os 1200 a.C. até princípios do séc. IX. A sua área de distribuição é o Alentejo Interior (Gomes e Monteiro 1976-77: 294-297).



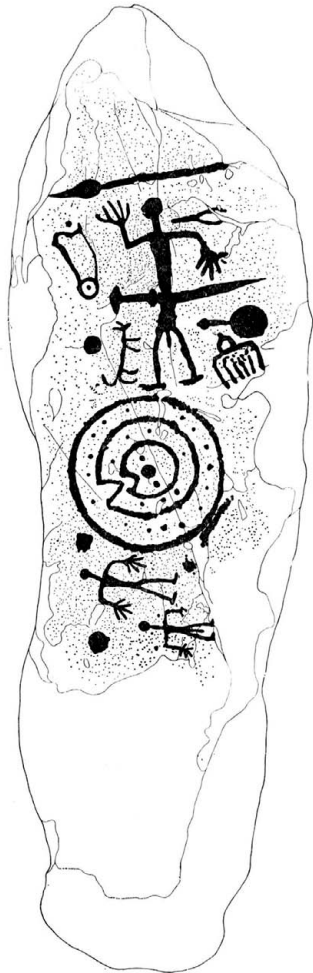
Herdade do pomar - Estela I (foto) (adaptado Gomes e Pinheiro 1977, 173)

• Estela *Ervidel II* - Laje de xisto de cor cinzento-esverdeado, trabalhada apenas em uma das faces, sendo que a decoração ocupa cerca de $\frac{3}{4}$ da laje; os motivos distribuem-se em três zonas da composição: na parte superior, ao centro e na parte inferior. Na área central da composição destaca-se um escudo, figurado por três círculos concêntricos, os dois interiores com chanfraduras em V. A parte superior é dominada por uma figura humana em pé, com os braços desencontrados com os dedos das mãos afastados e apresenta um falo. Carrega à cintura uma espada de lâmina em língua de carpa, com punho comprido, pomo redondo e largo. Ao seu redor encontram-se uma lança, uma fíbula de cotovelo, uma pinça, um cão, um espelho e um pente. Na parte inferior estão representadas duas figuras humanas de braços fletidos e tombados, dispostos na horizontal. Cronologia – fins do séc.IX ou dos princípios do VIII a.C.. Apresenta as seguintes dimensões – 1,75x0,59x0,23m (*Idem*: 297-304).

Quanto às cistas, refira-se que distavam cerca de 200 metros uma da outra. A cista 1, de planta retangular (dimensões – 1,10x0,68x0,60m) com orientação NW-SE, encontrava-se assente numa fossa retangular aberta no calço; era constituída por 4 esteios e uma grande laje de xisto. Apresentava um indivíduo adulto, provavelmente do sexo feminino, em posição decúbito dorsal com os membros fletidos, acompanhado por



Herdade do pomar - Estela I (foto) (adaptado Jorge 1995, 107)



Herdade do pomar - Estela II (desenho) (adaptado Gomes e Pinheiro 1977, 175)

dois vasos. Estes recipientes cerâmicos apresentam morfologias bastante distintas, um corresponde a um vaso de corpo ovoíde, com bordo esvasado e fundo plano, o outro, corresponde a uma taça com carena baixa bem marcada, com base convexa. A cista 2 foi encontrada ainda com 4 esteios colocados no negativo aberto no substrato, sem vestígios de ossadas e espólio, sem qualquer laje de cobertura, que teria sido destruída. As dimensões desta cista são muito reduzidas, 0,60x0,34x0,40m, e encontrava-se orientada E-W (*Idem*: 286-292).

No ano seguinte, a estação seria novamente alvo de escavações. Estes trabalhos incidiram em dois pontos distintos da estação: um dos pontos corresponde à área da necrópole da Idade do Bronze e o outro corresponde à área do povoado da II Idade do Ferro. Quanto aos contextos da Idade do Bronze, foi identificada uma sepultura de tipo cista com uma inumação infantil acompanhada por um vaso com carena média e por um pequeno vaso de carena baixa e “*uma estrutura, não sepulcral mas de significado indefinido, com a forma de cova aberta no “caliço”, com cerca de 0,6m de profundidade, no fundo da qual fora colocado um punhal de rebites, depois recoberto por lajetas de xisto e por um empedrado*” (Parreira 1995:133)

No que diz respeito à escavação na área do povoado da II Idade do Ferro (Parreira e Berrocal 1990), foram

identificados alinhamentos pétreos de uma estrutura habitacional, com uma planta de tendência retangular com cerca de 4 metros de largura e alguns buracos de poste. A cronologia relativa apontada pelos autores, baseada na presença de cerâmicas manuais decoradas com incisões, impressões e cordões, remete para uma curta, mas intensiva, ocupação dentro do século IV a.C. (*Idem*: 55).

Recentemente, esta estação foi alvo de duas fases de trabalhos de escavação no âmbito do Bloco de Rega de Ervidel. Uma decorreu em fase prévia à obra e contemplou uma série de sondagens diagnóstico numa área de concentração de materiais de cronologia romana. Esta intervenção permitiu identificar um conjunto de muros, pisos e canalizações associados a um casal romano e uma estrutura em negativo de carácter funerário de cronologia Calcolítica (Castro e Xavier, 2012). Os restantes trabalhos realizaram-se em fase de obra e contemplaram a realização de 6 sondagens (Baptista *et al.* no prelo). A sondagem 1 apresentava um conjunto pétreo disposto na horizontal, constituído por pedras de gabro e quartzo bem imbricadas, formando um círculo. As sondagens n.º2 e n.º4 contemplaram a escavação de duas estruturas de pequenas dimensões, sem qualquer espólio associado. A sondagem n.º5 também revelou uma estrutura igual às identificadas nas sondagens n.º2 e

n.º4 que cortava uma estrutura de tipo valado, com perfil em U, sem elementos artefactuais. A sondagem n.º6 contemplou uma estrutura alongada, muito comprida e estreita, sem espólio. Por último, a sondagem n.º7 permitiu a identificação de três estruturas: uma “fossa” circular com cerâmica manual e duas estruturas de planta sub-retangular.

Horta de Baixo

Esta estação encontra-se muito próxima da Herdade do Pomar, localizada numa área muito aplanada que caracteriza o relevo a Este de Ervidel. A intervenção em Horta de Baixo (Baptista *et al.*, no prelo) contemplou nove sondagens. Destacamos, em primeiro lugar, a presença de estruturas de cronologia histórica: a identificação de um muro em alvenaria, na sondagem n.º 1; uma estrutura de drenagem também em alvenaria, na sondagem n.º 2; e uma outra estrutura de drenagem constituída por tijoleiras e cano de grés, na sondagem n.º 5. De cronologia mais recuada, temos a estrutura em negativo identificada na sondagem n.º 9. Esta estrutura trata-se de um hipogeu, enquadrável nos finais do IV.º/ inícios do III.º milénio a. C., que apresentava a seguinte sequência (de baixo para cima): um nível de inumação de três indivíduos em associação com três micrólitos geométricos e uma



Horta de Baixo – Muro em alvenaria da sondagem N.º1.



Horta de Baixo - estrutura tipo hipogeu da sondagem N.º 9. Pormenor de uma inumação humana.



Horta de Baixo - estrutura tipo hipogeu da sondagem N.º 9. Neste nível é possível observar a laje de xisto, que embora se apresente muito fragmentada sugere uma forma circular, que terá ruído para o interior da câmara.

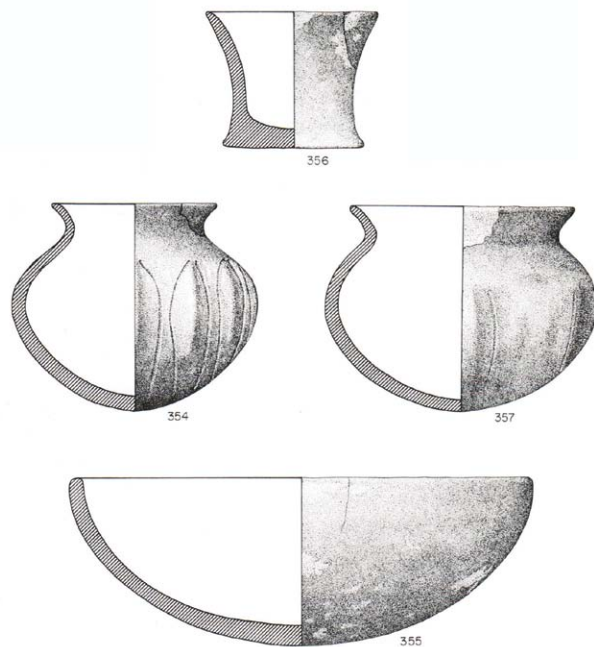


Horta de Baixo - estrutura tipo hipogeu da sondagem N.º 9. Elementos líticos associados às inumações.

lâmina, cobertos por ocre; o abatimento da laje de xisto do fecho da estrutura; e sucessivos níveis de precipitação/abatimento das paredes e teto, a par da reutilização da estrutura enquanto local de deposição de fauna mamalógica (bovídeos, equídeos e cervídeos). Além dos elementos faunísticos referidos foram exumados quatro fragmentos cerâmicos de fabrico manual. Dada a escassez de elementos artefatuais associados aos restos faunísticos, não estamos na posse de elementos que nos permitam definir o intervalo de tempo entre a utilização funerária humana e a deposição de restos faunísticos.

Medarra⁵

Esta necrópole encontra-se implantada numa courela situada a 300m a noroeste de Ervidel, onde se encontra um moinho em ruínas. Foram identificadas 6 sepulturas de tipo cista, de planta tendencialmente sub-retangular. Esta estação foi estudada por Fernando Nunes Ribeiro (1966/67) e por Hermanfrid Schubart (1975). A caracterização que estes investigadores fazem das cistas apresenta alguma divergência, assim, na Tabela 2, encontra-se sistematizada a leitura que cada um dos arqueólogos fez desta realidade.



Medarra – Alguns elementos cerâmicos provenientes da necrópole (adaptado Schubart 1975, Tafel 36: 354, 355, 356 e 357)

5. Esta ocorrência designada como Medarra fica na área do topónimo Bailique.

Tabela 2

Ribeiro (1966/67)				Schubart (1975)	
Cista	Comp.xlarg.xprof.	Orientação	Inumação	Espólio	Corresponde a
1	1,63x1,07x0,13m (da laje de cobertura)	Norte-sul	1 adulto	2 vasos bojudos de boca larga e bordo acentuadamente infletido para fora e um punhal de rebites	Tafel 55: 349, 350, 351, 352, 353
2	1,42x0,86x0,12 (da laje de cobertura)	E-W ⁶	Continha ossos; o crânio ficava a poente	-	
3	0,85x0,64x0,60m (da cista)	E-W	Continha ossos	1 vaso bojudo de boca larga e bordo acentuadamente infletido para fora	Tafel 36: 354?
4	1,12x0,63x,53 (da cista)	E-W	Esqueleto de 1 adulto com a cabeça para Nascente	-	Tafel 36: 355
5	Só existia uma laje de um dos topos e parte de uma laje lateral	-	Continha alguns ossos	-	
6	1,08x0,62x0,52 (da cista)	E-W	2 esqueletos de adulto praticamente sobrepostos	1 vaso bojudo de boca larga e bordo acentuadamente infletido para fora e um copo, com as paredes direitas e fundo plano.	Tafel 36: 356-357

6. O autor não faz referência à orientação da cista, porém é possível recuperar esta informação considerando a indicação de que o crânio do inumado se encontra a poente.

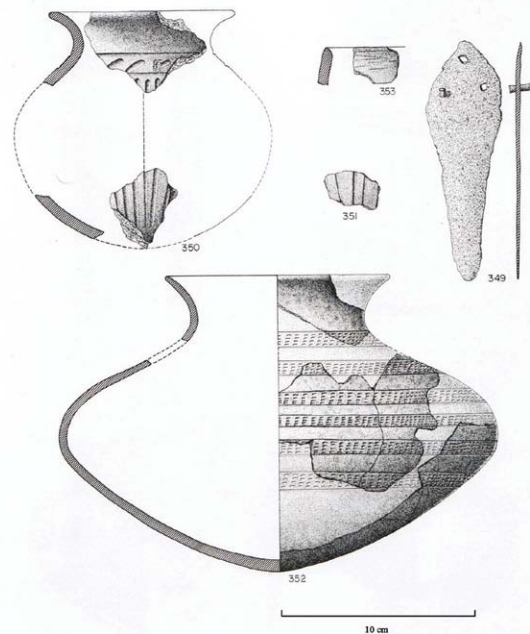
Monte da Corte Ripais

Esta estação foi identificada em trabalhos de prospeção recentes, tendo sido considerado um casal/monte de cronologia Moderna. A descrição constante na Ficha de Sítio refere: “Local implantado em vertente virada a oeste às águas da barragem, em zona inundável, atravessado por caminho vicinal, onde se observam restos de estruturas e grandes quantidades de material pétreo de quartzo leitoso e materiais cerâmicos e escórias de ferro. O sítio encontra-se habitualmente submerso pelas águas da barragem⁷.”

Monte da Ramada

O Monte da Ramada localiza-se a Norte da povoação de Ervidel; trata-se de uma área de pequenas elevações, entre as quais, se desenvolvem linhas de água que, atualmente, desaguam na Albufeira do Roxo. Esta área é contígua à Herdade do Pomar, onde, como já vimos, existem vários elementos arqueológicos que remetem para uma ocupação continuada desde a Pré-história até à Época Romana. O caso do Monte da Ramada é semelhante, com efeito, esta estação apresenta uma ampla área de dispersão de contextos do Calcolítico, da Idade do Bronze e da Época Romana.

O conhecimento desta área é decorrente de trabalhos de prospeção e de escavação, dos quais resultou a



Medarra – Alguns elementos cerâmicos e metálico provenientes da necrópole (adaptado Schubart 1975, Tafel 55: 349, 350, 351 e 352)

7. <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2675544>

identificação de oito núcleos de vestígios arqueológicos. Nos trabalhos de prospeção foram identificadas áreas de concentração de fragmentos de cerâmica de construção romana, medieval e moderna que sugerem a possibilidade da existência de níveis arqueológicos diversos. Nos trabalhos de escavação, que foram desenvolvidos no seguimento da identificação de contextos arqueológicos no decurso da construção do Bloco de Rega de Ervidel, foram identificadas contextos de cronologia romana e tardo-romana e contextos de cronologia pré-histórica.

Nos núcleos que foram alvo de escavação arqueológica, a ocupação romana e tardo-romana está testemunhada pela presença de um forno (Pirata *et al.* 2012), de um poço, de um valado e estruturas em negativo de planta sub-circular (Baptista *et al.* no prelo). A dispersão destes elementos e a sua relação com os testemunhos da Herdade do Pomar sugerem a imagem de uma exploração agrícola de grandes dimensões. No que diz respeito à ocupação pré-histórica (*Idem*), a escavação permitiu constatar a existência de uma ampla extensão de estruturas em negativo, que teriam sido construídas durante o Calcolítico e a Idade do Bronze. Do período Calcolítico, destaca-se um conjunto de estruturas em negativo de planta sub-circular onde foram recolhidos conjuntos artefactuais muito numerosos e diversificados. Da Idade do Bronze, é de destacar dois

hipogeus: um deles apresentava uma sequência de enchimento constituída por vários níveis de inumações primárias incompletas, diversas conexões anatómicas e ossários; o outro apresentava apenas uma inumação primária e um nível de ossário, em associação a um espólio constituído por uma taça cerâmica, por quatro pulseiras em liga de cobre e contas de colar. A propósito da ocorrência destes “contextos funerários”, é de referir que, numa estrutura em negativo de planta sub-circular, foi identificado um nível de inumação de dois sub-adultos acompanhados exclusivamente por artefactos líticos; este contexto não ofereceu qualquer elemento artefactual que permita a sua integração num período específico da Pré-história Recente. A análise preliminar dos enchimentos destas estruturas em negativo remete para possibilidade de estarmos diante de um espaço onde teriam ocorrido práticas de natureza muito distinta, cujo sentido nos escapa.



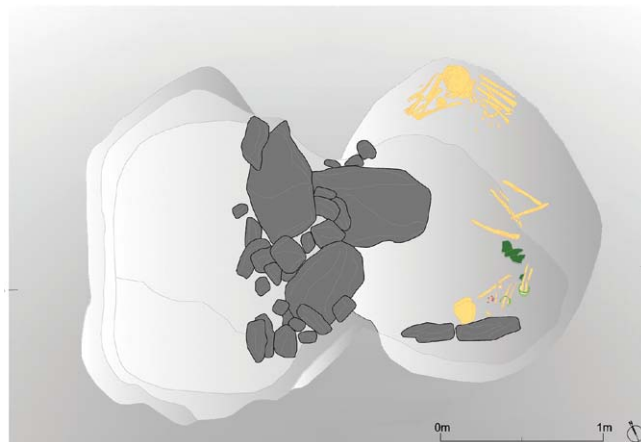
Monte da Ramada 1 – Aspeto da câmara funerária do hipogeu da sondagem N.º 2.



Monte da Ramada 1 – No primeiro plano podemos observar a ante-câmara e o fecho pétreo câmara funerária do hipogeu da sondagem N.º 2.



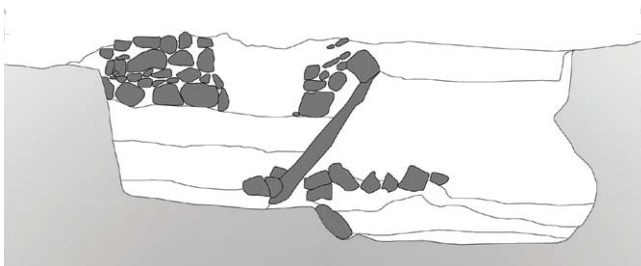
Monte da Ramada 1 – Pormenor do fecho pétreo da câmara do hipogeu da sondagem N.º 4.



Monte da Ramada 1 – Desenho planimétrico do hipogeu da sondagem N.º 4.



Monte da Ramada 1 – Nível de enterramento duplo em “fossa” identificado na sondagem N.º 38.



Monte da Ramada 1 – Desenho de secção do hipogeu da sondagem N.º 4.



Monte da Ramada 1 – Poço romano identificado na sondagem N.º 29.



Monte da Ramada 1 – Canalização romana identificada na sondagem N.º 40.

Serra

Na área do topónimo Monte da Serra, durante os trabalhos de execução do Bloco de Rega de Ervidel, foram identificadas estruturas em negativo distribuídas em dois núcleos: Serra 1 e Serra 2 (*Baptista et al.*, no prelo). No seu conjunto, estes dois núcleos testemunham uma ocupação do espaço que remonta à Pré-história Recente. Em Serra 1, os trabalhos de escavação arqueológica permitiram definir uma estrutura de tipo “fossa” (de boca sub-circular fechada de cronologia histórica com 3 depósitos de enchimento), que cortava um valado de perfil em U (pouco profundo, sem elementos artefactuais associados). Em Serra 2, a realização de dezanove sondagens permitiu a identificação de um “valado”, treze estruturas de planta sub-circular e cinco interfaces verticais que parecem tratar-se de perturbações do sub-solo decorrentes da prática agrícola. O valado apresenta um perfil em U e uma orientação N-S, prolongando-se para lá da área intervencionada. As estruturas sub-circulares apresentam morfologias sub-cilíndricas, semi-globulares e semi-cónicas, ocorrendo isoladas e em concentrações (uma concentração de sete e outra de três estruturas). No que diz respeito ao conjunto artefactual, o valado não apresentou qualquer elemento de natureza artefactual; no caso das estruturas, registou-se o seguinte: seis não apresen-



Monte da Ramada 1 – Concentração de estruturas de tipo “fossa” de cronologia calcolítica.



Serra 2 – Estrutura de tipo “fossa” da sondagem N.º 16.

tavam qualquer elemento de natureza artefactual, quatro continham fragmentos cerâmicos; uma apresentava fragmentos cerâmicos e fragmentos de elementos de moagem; e uma apresentava uma taça carenada quase inteira. Os fragmentos cerâmicos apresentam características técnicas que permitem a sua associação à Pré-história Recente, no caso da taça carenada, tal recipiente permite a articulação do contexto com a Idade do Bronze. Para além dos dados resultantes de escavações arqueológicas, os trabalhos de prospeção permitiram verificar a existência de uma área de dispersão de fragmentos de cerâmica de construção eventualmente decorrente de uma antiga construção de cronologia romana.



Serra 1 – Estrutura de tipo “fossa” e valado identificados na sondagem N.º 1.



Serra 2 - Taça com carena quase completa recuperada na "fossa" da sondagem N.º11.

Vale Frio

Vale Frio localiza-se no extremo norte da freguesia, junto da Albufeira do Penedrão. Nos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da Barragem do Penedrão e no Bloco de Rega de Ervidel, foi possível constatar a existência de uma estação arqueológica de estruturas em negativo, da qual se conhecem quatro núcleos, três localizados em Ferreira do Alentejo e um localizado em Ervidel. Neste último, encontrava-se um conjunto de três cistas, no interior das quais se encontravam três enterramentos, um ossário e uma taça de tipo Atalaia (Figueiredo 2009, Santos e Ferreira 2010) e seis estruturas em negativo de planta sub-circular, com materiais enquadráveis na Pré-História Recente⁸. Num dos núcleos localizados na freguesia de Ferreira do Alentejo (Vale Frio 2), foram realizadas 45 sondagens arqueológicas, tendo-se registado um total de 50 estruturas em negativo (Baptista *et al*, no prelo). De um ponto de vista morfológico, foram identificadas: 35 estruturas de plantas sub-circular; uma estrutura de planta sub-retangular (associada a um contexto de inumação); cinco estruturas de planta sub-retangular alongada; duas estruturas de planta em “osso”; e um valado. Os restantes contextos parecem relacionados com a prática agrícola recente. Quanto à cronologia dos contextos, no âmbito das estruturas de planta sub-circular pré-históricas, existe um grupo que apresenta uma

8. <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2829992>



Vale Frio 2 - Três pontas de seta em liga de cobre provenientes do contexto de enterramento humano da sondagem N.º 38.



Vale Frio 2 - Concentração de estruturas de tipo “fossa” de cronologia calcolítica.

componente artefactual que remete para o Calcolítico e outro grupo que apresenta elementos articuláveis com a Idade do Bronze. Apenas uma corresponde ao período Moderno/Contemporâneo e duas não forneceram qualquer elemento artefactual, desconhecendo-se a sua cronologia. A estrutura de planta sub-retangular albergava a inumação de indivíduo incompleto (os membros inferiores estavam ausentes), que apresentava três pontas de setas: uma na zona do pescoço, a segunda junto ao tórax do lado esquerdo e a última no cotovelo direito. As sete estruturas de planta sub-retangular alongada e as duas estruturas de planta em “osso” apresentam uma morfologia que permite a sua articulação com a Pré-história Recente regional.

Varandas

Varandas corresponde a uma área localizada no extremo NW do limite da freguesia onde, durante a abertura da vala de implantação de uma das condutas que compõem o Bloco de Rega de Ervidel, foram identificados dois núcleos de estruturas em negativo. Em Varandas 1 (*Baptista et al. Idem*), o núcleo era constituído por duas estruturas, uma de planta sub-circular e outra de planta em 8. As duas estruturas apresentavam fragmentos de recipientes cerâmicos do Calcolítico regional. Em Varandas 2 (*Idem*), as es-

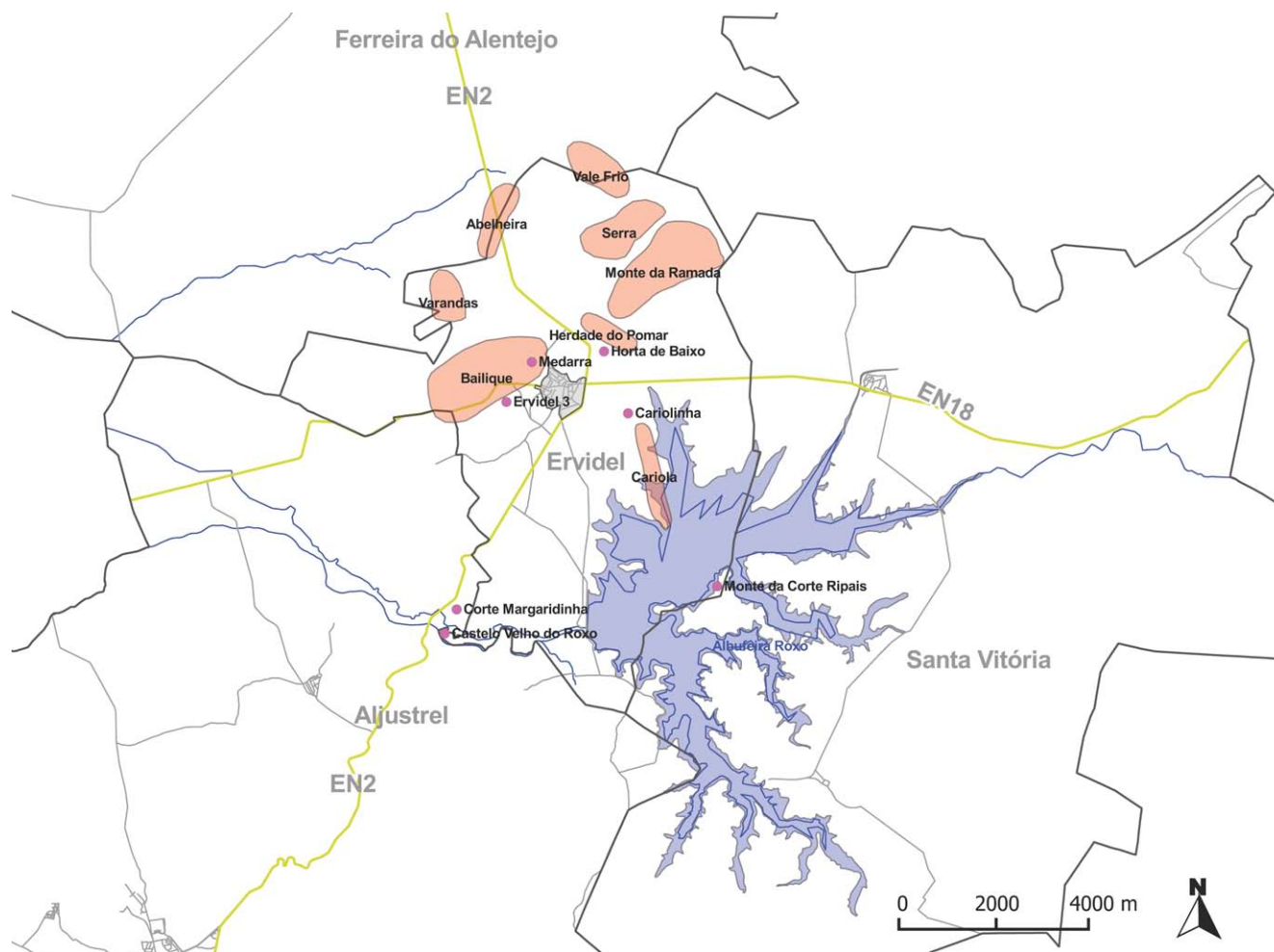


Varandas 2 - Concentração de estruturas de tipo “fossa” de cronologia indeterminada.

truturas apresentavam-se distribuídas num círculo, podendo corresponder às valas de implantação de postes de madeira que delimitariam um recinto provavelmente de cronologia pré-histórica. Saliente-se, porém, que este é apenas um cenário hipotético, que decorre da comparação desta realidade com outros sítios onde foram, efetivamente, identificados postes de madeira. Nas proximidades deste “hipotético recinto”, encontrava-se uma estrutura de planta em forma de “osso”, cuja morfologia remete para um período cronológico semelhante. Para além destes testemunhos mais remotos, Varandas 2 apresentava também vestígios associados à prática agrícola recente.



Varandas 1 – Estruturas de tipo “fossa” de cronologia calcolítica identificada na sondagem N.º 2.



Mapa – Localização dos sítios arqueológicos da freguesia de Ervidel

Agradecimentos

Gostaríamos de apresentar a nossa profunda gratidão a todos os participantes nos trabalhos de minimização de impactes decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel. Um reconhecimento especial do empenho e disponibilidade de Nelson Vale, Rodry Mendonça, José Grilo e Liliana Luís (da equipa da Arqueologia e Património Lda.) durante a pesquisa que subjaz a este texto. Agradecemos também ao Dr. Paulo Marques, ao Dr. Valdemar Canhão e ao Dr. Miguel Martinho da EDIA S.A. por nos facilitarem o acesso aos Relatórios Finais decorrentes das inúmeras intervenções arqueológicas promovidas por esta instituição. Ao Dr. Samuel Melro e à Dr. Manuela de Deus da DRCALEN, agradecemos a disponibilidade e simpatia com que sempre esclareceram as nossas dúvidas e questões sobre as inúmeras estações arqueológicas do Baixo Alentejo. Por último, estamos também gratos ao Sr. Manuel Nobre, Presidente da Junta de Freguesia de Ervidel, por ter reunido as condições para que este trabalho fosse publicado.

Porto, Julho de 2013

Bibliografia

Arnaud, J. M. (1992), Nota sobre uma necrópole do Bronze II do Sudoeste dos arredores de Ervidel (Aljustrel), *Vipasca*, 1, Aljustrel, 1992, p. 9 – 17.

Arruda, A. M. (20001), A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, 2001, p. 209-291.

Baptista, L.; Gomes, S.; Pinheiro, R.; Rodrigues, Z.; Vale, N.; Grilo, J.; Mendonça, R.; Luís, L.; Saraiva, A.; Costa, R.; Fernandes, S. e Baptista, H. (no prelo), Ponto de Situação dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra (Aljustrel, Ferreira do Alentejo e Beja, Portugal), a publicar nas *Atas do VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, realizado em 4 e 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz).

Berrocal-Rangel, L. (1992), *Los pueblos célticos del suroeste de la Península Ibérica* (Complutum, Nº 2 Extra, 1992).

Castro, L. e Xavier, B. (2012) *Trabalhos Arqueológicos. Relatório Final. Minimização de impactes sobre o património arqueológico em fase Prévia à Execução do Projeto de Construção do Bloco de Rega de Ervidel, do sítio Villa Romana da Herdade do Pomar / Monte da Ramada 1 (Id. 86)*, Póvoa do Varzim: Ecovisão, Tecnologias do Ambiente Lda.

Coelho, L. (1975), Nueva estela insculturada proveniente del Baixo Alentejo (Ervidel, Portugal), *Trabajos de prehistoria*, vol. 32, Nº 1, 1975, p. 195-198. Díaz-

Guardamino Uribe, M. (2010), *Las estelas decoradas en la prehistoria de la Península Ibérica*. Tesis doctoral, Departamento de Prehistoria, Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense de Madrid, em linha <http://eprints.ucm.es/11070/1/T32200.pdf>.

Figueiredo, M. (2009), *Minimização de Impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega Ferreira, Figueirinha e Valbom – Fase de Obra. Adutor Pisão/Roxo – Vale Frio 1. Relatório Preliminar dos trabalhos arqueológicos*. Era Arqueologia, S.A.

Gomes, M. V. (1995), As Denominadas «Estelas Alentejanas», in Jorge, S. O. (ed) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 135.

Gomes, M. V. (2006), Estelas funerárias, da Idade do Bronze Médio, do Sudoeste Peninsular – A iconografia do Poder, *O Arqueólogo Português*, suplemento n.º 3, 2006, p. 47-62.

- Gomes, M. V. e Monteiro, J. P. (1976-1977), As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel, Beja): estudo comparado, *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 2-3, p. 281-343.
- Gomes, M. V. e Monteiro, J. P. (1977), Las estelas decoradas de Pomar (Beja – Aljustrel) – Estudio comparado, *Trabajos de Prehistoria*, 34, Madrid, 1977, p. 165 – 214.
- Jorge, S. O. (ed.) (1995), *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Jorge, S.O. (1999), Bronze Age stelai and menhirs of the Iberian Peninsula: discourses of power, in Demakopoulous, K.; Jockenovel, A.; Mohen, J-P.; Jensen, J. and Eluere, C. (coord.) *Gods and Heroes of the European Bronze Age: Europe at the Time of Ulysses*, Thames & Hudson, p. 114-122.
- Lopes, M. C. (2003), *A Cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca da “civitas” de PAX IVLIA*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- Melro, S. e Barros, P. (2009), Estela, um projecto científico de um Museu para o território, *Actas do IV Encontro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Huelva (2009), p. 805-813.
- Paço, A., Ribeiro, F. N. e Franco, G. L. (1965), Subsídios para o estudo da cultura Argárica no Alentejo, *Arquivo de Beja*, vol. 22, Beja, p. 149 – 156.
- Parreira, R. (1977), O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo, *Arquivo de Beja*, vol. 28 – 32, p. 31 – 45.
- Parreira, R. (1983), O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série IV, 1, p. 149-168.
- Parreira, R. (1995), Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior, in Jorge, S. (Ed.) *A Idade do Bronze em Portugal: Discursos de Poder*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, p. 131-134.
- Parreira, R. e Berrocal, L. (1990), O povoado da II Idade do Ferro da Herdade do Pomar (Ervidel, Aljustrel), *Cornimbriga*, 29, p. 39-57.
- Parreira, R. e Soares, A. M. (1980), Zu einigen bronzezeitlichen Hohensiedlungen in Sudportugal, *Madridrer Mitteilungen*, 21, Madrid, 1980, p. 109 – 130.
- Pirata, V.; Fialho, L. e Gómez, C. (2012), *Intervenção Arqueológica no sítio Herdade do Pomar / Monte da Ramada 1*, Relatório Final policopiado.

Ribeiro, F. N. (1965), *O bronze meridional português*, Beja, Minerva Comercial.

Ribeiro, F. N. (1966/67) - Noticiário arqueológico regional. Necrópole romana de Ourique, Necrópole de Ervidel (Medarra), Laje com inscrição ibérica, A villa lusoromana de Pisões). *Arquivo de Beja, Beja*, Vol. 23-24, p. 382 - 390.

Santos, R. e Ferreira, I. (2010), *Relatório Final da Intervenção de Vale Frio, Ervidel*. Neoépica, Lda.

Schubart, H. (1975), *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin. Wolter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen. 9).

Vasconcellos, J. (1906), Estudos sobre a época do bronze em Portugal, *O Archeólogo Português*, Série 1, vol. 11, Lisboa, 1906, p. 179 – 189.

Viana, A. (1947), Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo, *Arquivo de Beja*, vol. 4, Beja, 1947, p. 3 – 39.

Viana, A. (1954), Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 11, p. 3-31.

Viana, A. (1959), Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 16, p. 3-48.

Viana, A. e Ribeiro, F. N. (1956), Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, Beja. 13, p. 110-167.